Jacaranda puberula Cham.

(caroba do campo, carobeira, carobinha)

Família: Bignoniaceae

Sinônimos: *Jacaranda digitaliflora, Jacaranda endotricha, Jacaranda gloxiniiflora*

Endêmica: sim[4]

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica[4]

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

A carobinha é muito ornamental como árvore urbana, normalmente de pequeno porte (4 a 7 m de altura), com flores grandes e vistosas de coloração branca, roxa ou rosa. Sua madeira moderadamente pesada é empregada, entre outros fins, na construção civil, carpintaria e marcenaria.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (caixotaria, solados de sapato, celulose e papel, forro e teto, portões e portas, ripas, rodapés, carpintaria e marcenaria, painéis), produtos não madeireiros (ornamental)[7,1]

Características gerais

Porte: altura 2.0-15.0m DAP 30-40cm[1,9,7]

Cor da floração: roxa[3,2,1,5]

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida[10,7,3]

Persistência foliar: Decídua[7,2,3,1]

Sistema radicular: Pivotante[8,3]

Formato da copa: Globosa[2,3]

Diâmetro da copa: 3m[2]

Alinhamento do tronco: Reto[3]

Superfície do tronco: Áspera[1]

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)[8,1,2,9]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: não[19]

Drenagem do terreno: -

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Secundária tardia, Clímax[16,13,14,15,17,18]

Polinizadores: -

Período de floração: outubro a novembro[6]

Tipo de dispersão: Anemocórica[11,13,6,14,15]

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: janeiro a fevereiro[6]

Associação simbiótica com raízes: sim[16]

Incidência muito baixa de colonização de micorriza arbuscular (MA) no campo e baixa resposta à inoculação de MA.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore[12,7,8]

A coleta deve ser realizada antes da deiscência dos frutos, quando adquirirem aspecto lenhoso e coloração escura. Deixar os frutos (cápsulas) em lugar seco e arejado para completarem a sua deiscência (KUNIYOSHI, 1983). o fruto deve ser coletado quando muda de coloração do verde para o amarelo- cinza. Secar os frutos ao sol, para a sua abertura e liberação das sementes. Como elas são muito leves, deve-se protegê-las do vento durante a secagem (NOGUEIRA; MEDEIROS, 2007). Os frutos devem ser colhidos quando iniciarem sua abertura espontânea. Em seguida levá-los ao sol para completarem a liberação das sementes. Cobrir os frutos com tela durante a secagem para evitar sua perda pelo vento (LORENZI, 2002).

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento[7]

Colocar as sementes para germinação logo após a colheita.

Produção de mudas: Canteiros[7,1]

Transplantar as mudas para recipientes individuais quando atingirem 5 a 6 cm (LORENZI, 2002).

Tempo de germinação: 4 a 15 dias[7,8,1]

Taxa de germinação: 80%[7]

Número de sementes por peso: 188679/kg[8,7]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[7,11]

Bibliografia

[1] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[2] SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Manual técnico de arborização urbana. São Paulo, 2005. 48 p.

[3] BIONDI, D.; LEAL, L. Avaliação das espécies plantadas experimentalmente na arborização de ruas da cidade de Curitiba - PR. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba, v. 4, n. 4, p. 79-99, 2009.

[4] LOHMANN, L. G. Bignoniaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 03 ago. 2013.

[5] ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S/A - ELETROPAULO. Guia de planejamento e manejo da arborização urbana. São Paulo: Eletropaulo: Cesp: CPFL, 1995. 38 p.

[6] TALORA, D. C.; MORELLATO, P. C. Fenologia de espécies arbóreas em floresta de planície litorânea do sudeste do Brasil. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 13-26, mar. 2000.

[7] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[8] KUNIYOSHI, Y. S. Morfologia da semente e da germinação de 25 espécies arbóreas de uma floresta com araucária. 1983. 233 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1983.

[9] PEREIRA, P. H.; MANSANO, V. de F. Estudos taxonômicos da tribo Tecomeae (Bignoniaceae) no Parque Nacional do Itatiaia, Brasil. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p. 262-289, 2008.

[10] PIVETTA, K. F. L.; SILVA FILHO, D. F. da. Arborização urbana. Jaboticabal: UNESP/FCAV/FUNEP, 2002. 69 p. (Boletim Acadêmico, Série Arborização Urbana). Disponível em: . Acesso em: 2 fev. 2013.

[11] BORGO, M. A Floresta Atlântica do litoral norte do Paraná, Brasil: aspectos florísticos, estruturais e estoque de biomassa ao longo do processo sucessional. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010.

[12] NOGUEIRA, A. C.; MEDEIROS, A. C. de S. Extração e beneficiamento de sementes florestais nativas. Colombo: Embrapa Florestas, 2007. 7 p. (Circular Técnica, 131)

[13] CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. Biota Neotropica, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

[14] ARZOLLA, F. A. R. D. P.; VILELA, F. E. S. P.; PAULA, G. C. R.; SHEPHERD, G. J. Regeneração natural de clareiras de origem antrópica na Serra da Cantareira, SP. Revista do Instituto Florestal, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 155-169, jun. 2010.

[15] PEREIRA, T. S.; COSTA, M. L. M. N. da.; MORAES, L. F. D.; LUCHIARI, C. Fenologia de espécies arbóreas em floresta atlântica da Reserva Biológica de Poço das Antas, Rio de Janeiro, Brasil. Iheringia, Série Botânica, Porto Alegre, v. 63, n. 2, p. 329-339, jul./dez. 2008.

[16] ZANGARO, W.; NISIZAKI, S. M. A.; DOMINGOS, J. C. B.; NAKANO, E. M. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas nativas da bacia do Rio Tibagi, Paraná. Cerne, Lavras, v. 8, n. 1, p. 77-87, 2002.

[17] ARAÚJO, F. S.; MARTINS, S. V.; MEIRA NETO, J. A. A.; LANI, J. L.; PIRES, I. E. Estrutura da vegetação arbustivo-arbórea colonizadora de uma área degradada por mineração de caulim, Brás Pires, MG. Revista Árvore, Viçosa, v. 30, n. 1, p. 107-116, 2006.

[18] GANDOLFI, S.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEZERRA, C. L. F. Levantamento florístico e caráter sucessional das espécies arbustivo-arbóreas de uma floresta mesófila semidecídua no município de Guarulhos, SP. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 55, n. 4, p. 753-767, 1995.

[19] BIONDI, D.; LEAL, L. Caracterização das plantas produzidas no Horto Municipal da Barreirinha – Curitiba/PR. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba, v. 3, n. 2, p. 20-36, jun. 2008.